Senador chora em homenagem ao filho

ACM afirma que Luís Eduardo poderia livrá-lo do 'linchamento político'

Waldomiro Jr.

Enviado especial

• FEIRA DE SANTANA (BA). O senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) não foi capaz de conter a emoção ontem, ao lembrar do filho Luís Eduardo, que morreu há três anos. Antonio Carlos participava da inauguração de um centro de treinamento profissional do Sest/Senat, que recebeu o nome de Luís Eduardo. Ao agradecer a homenagem, lamentou a ausência do filho no momento em que enfrenta o que considerou a maior campanha já realizada contra um homem público no Brasil, referindo-se à ameaça da cassação do man-

dato, por conta do envolvimento na violação do painel de votação do Senado.

— Todos vocês podem imaginar no momento que vivo a falta que ele me faz — disse, com lágrimas nos olhos.

Ele acredita que se o filho, seu principal conselheiro, ainda estivesse vivo, o caso teria tomado outro rumo e seu mandato não estaria sob ameaça.

— Ele tinha competência e habilidade para impedir que seu pai fosse vítima desse linchamento político — disse.

A inauguração acabou se tornando uma manifestação de solidariedade do empresário de Feira de Santana, a segunda cidade do estado, a An-

tonio Carlos. Mas sua chegada foi marcada por um protesto de um grupo de estudantes e militantes da Central Única dos Trabalhadores, que gritavam palavras de ordem, pedindo a cassação do mandato, e o refrão comum em todos os protestos na Bahia na época do regime militar:

— Um, dois, três, ACM no xadrez.

Empresários de Feira de Santana estão solidários

Antonio Carlos recebeu a solidariedade dos empresários de Feira de Santana e do presidente da Confederação Nacional dos Transportes (CNT), Clésio Andrade.

— A Bahia e o Brasil ainda precisam do senhor. Vá em frente, senador — disse.

Antonio Carlos retomou o discurso de baianidade, com que vem rebatendo na Bahia a acusação no Senado, atribuindo a investigação no Conselho de Ética ao fato de lutar em defesa dos interesses do estado. E interrompeu a trégua em relação ao governo, atacando o estado de conservação das estradas federais.

— Não podemos aceitar o estado em que se encontram nossas estradas. É uma vergonha nacional. Daqui a pouco vamos acabar tendo uma crise nas estradas igual à dos apagões na energia — disse. ■